

SINVALDO ASSUNÇÃO DA SILVA JÚNIOR

A lua vem da Ásia, de Campos de Carvalho: a memória como sinal de deslocamento/(des)pertencimento.

UBERLÂNDIA

Dezembro/2013

1. Introdução

A humanidade e a memória são indissociáveis. Sendo a memória a faculdade de conservar idéias e imagens, a humanidade (a natureza humana) só se configura como tal a partir de suas reminiscências, posto que elas são as responsáveis pela criação de um passado e de uma identidade. Se hoje a humanidade se conhece (ou se gaba de se conhecer) o bastante ao ponto de inventar soluções para (quase) todas suas necessidades, é porque houve um processo (e progresso) diacrônico responsável por sua consciência, seu aprendizado e seu conhecimento.

Consciência, aprendizado e conhecimento (frutos da memória) que, em contrapartida, produzem narrações orais e escritas, a partir das quais surgiram os livros e a Literatura, que, em conseqüência e como numa circunferência, redundam em mais consciência, aprendizado e conhecimento. Por tudo isso, a memória se relaciona diretamente com a História, os livros, a Literatura (e especificamente com a criação literária) e a identidade individual e cultural.

2. *A lua vem da Ásia*, de Campos de Carvalho: a memória como sinal de deslocamento/(des)pertencimento.

2.1. Campos de Carvalho e sua lua que vem da ÁSIA

Campos de Carvalho, escritor mineiro, nasceu em Uberaba em 1916 e morreu em 1998, aos 82 anos, praticamente no anonimato. Contemporâneo de grandes autores brasileiros, dentre eles Guimarães Rosa (de cuja obra não se interessava) e Clarice Lispector (autora que adorava, segundo algumas entrevistas), é autor de *Banda Forra – ensaios humorísticos* (1941), *Tribo* (1954), *A lua vem da Ásia* (1956), *Vaca de nariz sutil* (1961), *A chuva imóvel* (1963), *O púcaro búlgaro* (1964), além de alguns textos inéditos e outros postumamente publicados em livro. Porém, de tudo que escreveu e publicou, apenas valorizava os quatro livros escritos entre 1956 e 1964, que constam de sua *Obra Reunida*, hoje considerados, por alguns críticos, verdadeiros marcos da literatura brasileira.

Segundo Juva Batella, no livro *Quem tem medo de Campos de Carvalho*, em suas obras se destacam um antibelicismo, uma profunda irreligiosidade e um pendor pelo

macabro e pelo trágico, além do amor, do riso, da loucura e da morte – normalmente expressos à maneira surrealista, existencialista e niilista. Ao se tratar de Campos de Carvalho, a linha mais pesquisada é a provável influência do surrealismo em suas obras, especialmente por causa do *nonsense* em suas histórias, influência esta que o próprio autor chegou a confirmar. Mas neste texto escolheu-se um caminho diferente – que é tentar enxergar a importância da memória para o narrador-personagem de *A lua vem da Ásia*, e como essa memória é usada por ele em sua afirmação de (des)pertencimento.

Surgido no contexto do pós-guerra e paralelo ao Existencialismo na Europa, o romance *A lua vem da Ásia* traz em sua trama caótica e fragmentada, dentre outras coisas, várias discussões acerca dos traumas e ansiedades das gerações que presenciaram os horrores da Segunda Guerra Mundial. Segundo Marcos Siscar,

as conseqüências psicológicas da guerra [nas personagens de Campos de Carvalho] são evidentes (...), os horrores da mortificina gratuita, largamente decantada pelo cinema, estão representados desde o triste e sutil humor de *A lua...* até o protesto artisticamente previsível de *A chuva* (SISCAR, 1990, p. 70).

A lua vem da Ásia é narrado em primeira pessoa. Os episódios se desenrolam de maneira desordenada, de modo que passado e presente se alternam, e fatos fantásticos e absurdos, juntamente com impressões e reflexões do próprio narrador, são expostos de maneira aparentemente aleatória. O enredo, não obstante o discernimento crítico do narrador-personagem, é fruto de uma mente complexa e atormentada pela loucura, que às vezes é sintetizada em forma de perplexidade. É um romance fragmentário, estilizado e descontínuo, reflexo de uma mente e uma alma (a princípio do narrador, e não do autor) igualmente caóticas.

No entendimento de Siscar, o louco nas obras de Campos de Carvalho “não é o psicopata, o não saudável, mas é justamente aquele que consegue compreender a essência mais íntima da razão humana” (SISCAR, 1990, p. 70), o que muitas vezes redundando em dor e sofrimento, uma vez que a “razão” humana é justificativa para várias atitudes não-humanas, ou irracionais, como se percebe neste trecho, quando o narrador decide denunciar os abusos sofridos: “Pois o que me ocorre (...) onde me encontro (...), é apenas isto e que me parece de um absurdo inominável: uma minoria armada até os dentes, inclusive com cadeiras elétricas, manda e desmanda sobre uma maioria de indivíduos realmente individuais...” (CARVALHO, 2002, p. 72). O louco, então, é o

consciente, em oposição ao são, que, ironicamente, é o grande responsável pela loucura/caos do mundo.

“Vida Sexual dos Perus” e “Cosmogonia” são as duas partes em que o livro se divide. Na primeira parte, o narrador se encontra (ou julga se encontrar) enclausurado num campo de concentração que, antes, imagina ser um hotel de luxo no qual (qual?) permanece por um longo tempo, mas que não sabe determinar com precisão: “...não sei dizer se fica na Europa ou na Ásia ou mesmo na Polinésia” (CARVALHO, 2002, p. 72). Simultaneamente ao presente, entremeia uma série de *flashbacks* sobre a vida da personagem anterior à clausura, além de várias reflexões que possibilitam ao leitor o contato com as concepções e posturas extravagantes de Astrogildo, que é como se chama ainda hoje, quando se chama. Nem hotel de luxo nem campo de concentração, mas, percebe-se, trata-se de um hospício, e o narrador-personagem um dos seus internos.

A segunda parte, “Cosmogonia”, após o relato da fuga nada espetacular de Astrogildo, relata sua vida em liberdade, bem como suas aventuras fantásticas por vários países. Neste meio tempo, ele exerce inúmeras profissões para sobreviver, inclusive como artista de cinema e, embora busque sentido, toma consciência exatamente da falta de sentido da vida:

Mas você, meu irmão, já imaginou o romance sensacional que poderemos escrever um dia sobre esta experiência bélica a que estamos sendo submetidos em pleno tempo de paz, se é que se pode chamar de paz a este estado de angústia permanente e de ódios gratuitos que marca todos os nossos passos, mesmo e sobretudo durante o sono? (CARVALHO, 2002, p. 73).

No final do romance, no capítulo “O.P.Q.R.S.T.U.V.X.Y.Z”, o narrador-personagem escreve uma “Segunda e definitiva carta ao *Times* (Com vista ao sr. redator da Seção Necrológica)”, intencionado em informar a todos o seu suicídio, se é que para alguém esse fato importe. Apesar da ironia e do sarcasmo usados contra os seres humanos e a sociedade, do menosprezo explícito pelas normas e pela humanidade, da posição crítica em relação à realidade circundante e, talvez, por causa da perplexidade diante desse mundo em que as relações humanas perderam completamente o sentido, o narrador decide abandoná-lo: “...a comunhão dos vivos (...) ainda está por existir e com toda certeza não existirá nunca, dada a pouca cordialidade existente entre os homens,

como de resto entre todas as feras de uma mesma espécie” (CARVALHO, 2002, p. 150).

2.2. Adilson, Heitor, Ruy Barbo e Astrogildo (relembrando suas memórias) na EUROPA, na ÁSIA, na OCEANIA, na AMÉRICA, na ÁFRICA e, sobretudo, em sonho

Inicia-se este capítulo, da análise em si, com um trecho do próprio romance *A lua vem da Ásia*: “...sendo como sou uma legião de criaturas (...), qualquer nome que eu me dê será sempre um nome adequado a um dos mil espectros que compõem o meu EU fabuloso – ou, para ser mais modesto, o meu pobre universo” (CARVALHO, 2002, p. 50), afirmação que justifica os seus vários nomes, a saber, Adilson, Heitor, Rui Barbo ou Astrogildo, “que é como me chamo ainda hoje, quando me chamo”. (CARVALHO, 2002, p. 36). Segundo Juva Batella, um dos estudiosos da obra do autor uberabense:

Este mundo, profundamente melancólico, é o mundo de um só habitante, tão vário quanto lhe for possível ser. Nosso narrador-personagem chamava-se então Adilson, mas logo mudou para Heitor, depois Ruy Barbo, e finalmente Astrogildo... (BATELLA, 2004, p. 66)

Sendo assim, o narrador-personagem de *A lua vem da Ásia*, independente do nome que tenha, posto que uno e vário ao mesmo tempo, para se afirmar como único e diverso (como o faz em toda narrativa), necessita de *fingir* vidas e experiências e de vivê-las, o que acontece através de suas viagens (reais ou imaginárias?). Porém, diferentemente do que acontece em outras situações e literaturas – o ser que busca um passado a partir de suas reminiscências –, em *A lua vem da Ásia* acontece o oposto: por ter fincado (ou tentado fincar) base em cada canto do mundo, *esse ser que busca* acabou por se deslocar: “Ao longo de sua atribulada vida e de suas inenarráveis viagens, ocupou incontáveis cargos, trabalhou em todos os ofícios e naturalizou-se cidadão em cada ínfimo canto do mundo...” (BATELLA, 2004, p. 75)

Esse deslocamento causa, em Astrogildo, um (des)pertencimento (termo que, separado em dois (des + pertencimento) pode significar tanto um *não-pertencimento a lugar nenhum* quanto um *pertencimento a todos os lugares*). E é totalmente cabível esse (ou essa falta de) *locus*, uma vez que a consciência e a memória de Astrogildo são complexas. Tão complexas que, como sugere Batella, é difícil saber se o narrador vive

propriamente uma vida real ou se um excesso de vida imaginada. Mas saber *disso* não importa, porque além *disso* sua(s) memória(s) pode(m) estar sendo, também, usada(s) como refúgio ao criar um “passado aventuroso, concretizado em viagens e em inúmeras experiências com todo tipo de alteridade possível” (BATELLA, 2004, p. 91)

Em Campos de Carvalho não há a preocupação explícita ou mesmo implícita de consolidar tradições ou (re)inventar o passado com a intenção de preparar um tempo futuro em que manifestem a nação e a nacionalidade. Guimarães Rosa era mineiro e discorreu bastante sobre Minas Gerais e, em consequência, sobre o Brasil. Machado de Assis, carioca, retratou o Rio de Janeiro do século XIX em sua literatura. Érico Veríssimo usou, ficticiamente, sua literatura para resgatar o passado do sul do Brasil. Todos esses escritores, e vários outros juntos, transformam sua(s) memória(s), através de sua(s) literatura(s), em história e, portanto, em identidade(s) – a identidade de um país. No entanto, o resgate ou a definição de identidade(s), seja urbana, regional ou nacional, não estava no projeto de literatura de Campos de Carvalho – tanto é que em suas andanças, o narrador-personagem de *A lua vem da Ásia* (os seus outros romances/novelas também poderiam ser citados) não passa por Minas Gerais e, raríssimas vezes, pelo Brasil, como poderia se esperar de um autor mineiro/brasileiro.

O narrador-personagem de *A lua...* é tão francês quanto brasileiro, tão espanhol quanto brasileiro, tão iraniano quanto brasileiro, como se pode perceber com os exemplos abaixo:

...e fui morar sob uma ponte do Sena, embora nunca tenha estado em Paris (CARVALHO, 2002, p. 36) (...) O cemitério onde se passou isso não sei dizer se foi em Córdoba ou em Sevilha, mas posso afirmar que se trata de fato absolutamente autêntico. (Idem, p. 71) (...) Eu mesmo, que sou iraniano, ou pelo menos me sinto iraniano esta manhã, não sei dizer ao certo nem onde fica situado o Irã no mundo conturbado de hoje, embora já tenha viajado muito no passado, sobretudo em imaginação. (Idem, p. 72)

Ora, contraditório seria, sim, se preocupar demasiadamente com suas raízes mineiras/brasileiras quando, tanto em sua literatura quanto em seu discurso (em suas entrevistas, por exemplo), se enxerga uma preocupação em se afirmar *um ser do mundo*, deslocado de qualquer lócus/sistema que o queira caracterizar. O narrador de *A lua...* declara: “Eu (...) vivo à custa de minhas boas recordações de todos os bordéis de salões de luxo que freqüentei dos vinte aos 35 anos, na Europa, na Ásia, na Oceania, na América, na África, e sobretudo em sonho”. (CARVALHO, 2002, p. 74). Talvez o

escritor Campos de Carvalho seja reflexo da postura dos personagens de seus livros, que pode ter sido também a sua – por não se encaixar em nenhum sistema pré-estabelecido, em nenhuma razão dominante, por exercitar o pensamento livre, acabou por ser renegado da literatura brasileira, a oficial.

Para Poulet, “o ser privado de lugar encontra-se sem universo, está em qualquer lugar como destroços flutuando no vazio do espaço” (POULET, 1992, p. 19). Assim, para proclamarem o seu pertencimento, os seres devem buscar o seu tempo e o seu espaço próprios – busca travada pela memória. Porventura Astrogildo busca seu pertencimento? Ou, ao contrário, nega qualquer pertencimento? Para Batella,

Campos de Carvalho faz de seu narrador (o d’*A lua vem da Ásia*) uma espécie de laboratório ambulante de possibilidades existenciais, que, reunidas, compõem um universo inumerável de *personas* vivendo as mais diversas e imprevisíveis situações humanas (...) ...comporta-se como um *globe-trotter*, cavaleiro andante, homem do mundo que se vê aos pedaços e cuja obsessão é reunir-se a si mesmo, em nome de uma idéia de individualidade, juntando os próprios pedaços de si para poder expressar-se – pois a expressão é seu único escape (BATELLA, 2004, pp. 74 e 76).

Em Astrogildo, essa volta ao passado (um passado que ora passa a impressão de ser imaginado) por meio da memória (uma memória complexa) é muito mais a obsessão de reunir-se a si mesmo em nome de uma idéia de individualidade, como diz Batella, do que o resgate de um tempo e um espaço perdidos. A reunião, porém, dessa soma de *si mesmos* é de responsabilidade do leitor, uma vez que em *A lua vem da Ásia*, Adilson, Heitor, Ruy Barbo e Astrogildo, os quatro em um, atiram-nos à frente, a cada linha, uma nova informação acerca deles mesmos, um novo dado que nos obriga à reformulação do perfil dentro do qual procuramos, a cada surpresa, encaixá-los para melhor compreendê-los (BATELLA, 2004). E na tentativa de enxergar unidade no personagem, o leitor poderá vir a perceber que essas grandes viagens por todos os reinos do mundo – esse deslocamento constante, geográfica e historicamente – são, na verdade, exercícios (ou causas, ou conseqüências) de um personagem multifacetado e variante – um *homo multiplex* (CARVALHO, 2002, p. 136).

Sua identidade instável não conhecerá fronteiras, nem mesmo as de gênero, e nada fará diferença. Não há ninguém no mundo além dele, não há nada nele senão o mundo inteiro...” (BATELLA, 2004, p. 72) O universo d’*A lua vem da Ásia* é o mundo inteiro, descrito (...) através da extensa e imprevisível enumeração de cidades e povoados... (...) ...o texto então se põe a caminho por fantásticas viagens, nas quais

Adilson, ou Astrogildo, se vê em ininterrupta mutação (BATELLA, 2004, p. 102)

E, sendo sua identidade instável, não conhecendo fronteiras, e não existindo ninguém no mundo além dele, resta-lhe seguir seu próprio conjunto de princípios:

...sou orgulhoso demais para seguir a doutrina de quem quer que seja, e, se eu tivesse que seguir alguma doutrina (...), seria (...) uma doutrina criada inteiramente à minha imagem e semelhança, e que não admitiria mestres como tampouco admitiria discípulos, a não ser eu mesmo em meus diversos momentos históricos (CARVALHO, 2002, p. 130).

No entanto, pretender ser único, ser livre e seguir seus próprios princípios – em outras palavras, não pactuar com um sistema de pensamento opressor e desindividualizante – têm suas conseqüências, e nem sempre elas são positivas.

Um dos efeitos desse *modus* de ser é se revestir de uma consciência agudíssima que, para muitos, pode ser confundida com romantismo e ingenuidade, no pior sentido das palavras. Não se adaptar nem sempre é forjar um local em que haja necessidade de se diferenciar ou de se auto-afirmar constantemente. Não se adaptar é, às vezes (e esse parece ser o caso de Astrogildo), não se ajustar ao comportamento da sociedade contemporânea e da expansão da cultura de massa. Ou, talvez, esse personagem-narrador seja exatamente o resultado dessa sociedade, cujo “comportamento (é) marcado pela desmaterialização da realidade e pela fragmentação do indivíduo” (BATELLA, 2004, p. 68). E, ainda, nessa tentativa de se rebelar – em seu descompasso com o mundo – esteja a fonte do seu sofrimento.

Ser um louco vai significar manter-se teimosamente como exceção em um quadro onde todo comportamento deve ser massificado em nome da ordem geral. Através do artifício de meter seu narrador sob a pele daquele a quem julgam um louco, Campos de Carvalho denuncia com mais veemência uma sociedade que caminha para a sua própria espécie de loucura irremediável, esta sim sem aspas – a que forja para si mesma uma razão sem alternativas e excludente, ou seja, totalitária. (BATELLA, 2004, p. 93)

Como segue dizendo Batella, “Campos de Carvalho lança mão de um louco para denunciar a loucura de uma sociedade inteira em uma época desumana. Quem, afinal, será louco?” (BATELLA, 2004, pág. 97). Mas, no caso de Astrogildo, é uma loucura que se confunde com dor, sofrimento e, paradoxalmente, lucidez: “Dai-me (...) a receita

de não chorar à toa sobre as mazelas e as incongruências deste mundo tão cotidiano, e de ver com olhos de cego (...) as aparentes belezas deste vasto cemitério sobre o qual caminhamos” (CARVALHO, 2002, p. 141). Sendo assim, a crítica de Campos de Carvalho, ao criar esse personagem, é a quaisquer verdades, sobretudo as forjadas segundo determinados interesses e que sirvam como (ab)uso, seja pelas Igrejas, seja por nações, seja por outro (des)semelhante – em outras palavras, verdades que não sirvam como libertação.

Basta saber se a legião de criaturas que é Astrogildo é justamente fruto do *seu estar em vários mundos* ou se, ao contrário, *seu estar em vários mundos* causou essa sua (tão afirmada) fragmentação do ser, um dos mil espectros que compõem o seu EU fabuloso ou, para ser mais modesto, seu pobre universo. Ou, ainda, se *estar em vários mundos* é uma das fugas cabíveis encontradas por sua memória e imaginação ante a vidinha cotidiana do ser humano em geral (incluindo, assim, si próprio). Ou, melhor, *por estar em vários mundos*, ele chegou à conclusão que o mundo (a humanidade, o ser humano) é tão ruim na África quanto na Oceania (ou ele o enxerga assim) e, consciente disso e por não pactuar com esse sistema, se sente deslocado e, por conseguinte, decide se matar – solução fácil, porém a única e definitiva: “...deu-se o entrelaço fatal entre a minha multidão de almas e a alminha dos meus pseudo-semelhantes, com conseqüentes ódios e ressentimentos de parte a parte...” (CARVALHO, 2002, p. 151), sejam esses pseudo-semelhantes do Iraque, da Argentina, do Brasil, da França.

Ásia, América, Europa? Em nenhum lugar específico. Mesmo morto, ele é inteiramente condizente com sua postura, uma vez que nem seu corpo terá local definido, porque, se for encontrado, “estará repousando no lugar que lhe compete dentro da imensidão da terra, ao lado de outros corpos de indigentes anônimos e esquecidos do mundo, com os quais possivelmente me comunicarei nas noites de tédio infinito” (CARVALHO, 2002, p. 149).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATELLA, Juva. *Quem tem medo de Campos de Carvalho*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2004.

CARVALHO, C. de. *Obra Reunida*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

POULET, Georges. *O espaço proustiano* – tradução de Ana Luiza Borralho Martins Costa. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1992.

SISCAR, M. A. Nos cadafalsos da Inquisição ou de mosquitos, de perus e de vacas. In: *Demônio Mudo*. Campinas, p. 69-79, 1990.